



PROVA COMENTADA

2ª FASE • DIA 2 • REDAÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Em 2020, o Vestibular Unicamp inovou, mais uma vez, ao propor em sua prova de Redação *dois* temas diferentes, de gêneros discursivos distintos, para a produção de *um* texto, a ser escolhido pelos candidatos. Os dois temas sugeridos são atuais, e os gêneros solicitados são situados em campos de atuação social do mundo contemporâneo. O objetivo é sempre avaliar a capacidade de leitura crítica que os candidatos fazem do tema escolhido e da coletânea de textos que o acompanha, a realização da(s) tarefa(s) determinada(s) por esse tema, e então, a produção do gênero solicitado. Essas habilidades de leitura e escrita, sob uma perspectiva analítica e crítica, são competências fundamentais que se desejam dos jovens estudantes ao final do ensino médio, tal como prescreve a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Na prova de Redação do Vestibular Unicamp 2020, a primeira proposta de escrita foi a de um *texto argumentativo* para ser lido em voz alta em um *podcast*. Nele, os candidatos deveriam convencer os seus ouvintes da importância da inter-relação da *biodiversidade* e *sociodiversidade* para o crescimento sustentável do Brasil. Os textos que acompanham o tema, delimitando-o, ofereciam explicações sobre o que é biodiversidade e sociodiversidade, com dados numéricos de nossa riqueza natural e multiétnica; traziam informações sobre o desmatamento na Amazônia e, sobretudo, no Cerrado, com a invasão do agronegócio; além de dados de um relatório da ONU alertando para a destruição do ecossistema e ressaltando o papel dos povos indígenas para a preservação e sustentabilidade.

Os candidatos que escolheram esse tema deveriam se apropriar desses textos informativos e poético da coletânea e usá-los produtivamente – e não somente copiá-los – em sua argumentação. Poderiam se apresentar ou não como “um colunista de uma revista eletrônica brasileira bastante acessada por ambientalistas de diversos países”, como simulava a *situação de produção* da prova e, ainda, poderiam marcar ou não a *interlocução* com seus ouvintes, o que ficou a critério do estilo adotado por cada um. A avaliação dessa primeira proposta levou em conta, sobretudo, a *qualidade* de argumentação dos candidatos.

A segunda proposta de escrita foi a de um *texto narrativo* do gênero crônica. Nela, os candidatos deveriam narrar, em *primeira pessoa*, um episódio de *micromachismo* a partir de uma atitude daquelas listadas na matéria do *El País* transcrita na prova. A *situação de produção* simulava que esse(a) narrador(a)-personagem tinha vivenciado um acontecimento *micromachista* que, a princípio, considerou normal e corriqueiro, até que, ao ler a matéria do *El País*, tomou consciência de que o evento vivenciado por ele(a) se tratava, na verdade, de um repudiável exemplo de *micromachismo* estruturalmente enraizado em nossa sociedade patriarcal.

Para construir sua narrativa, os candidatos deveriam também aproveitar os textos da coletânea: a matéria de Ianko López para o jornal espanhol, que traz informações históricas sobre o movimento feminista no mundo e a definição de *micromachismo*, diferenciando-o do *machismo*; e a narrativa de Chimamanda Ngozi Adichie, em que a autora africana relata ter experimentado um ato *micromachista* quando criança na escola. Foram bem avaliadas as narrativas que mobilizaram esses textos, por exemplo, para fomentar reflexões e sentimentos despertados no(a) narrador(a)-personagem ao reconhecer que o tal episódio vivenciado por ele(a) era, de fato, *micromachista*. A avaliação dessa segunda proposta valorizou ainda – e principalmente – os *elementos da narrativa* característicos do gênero crônica na produção textual dos candidatos.

Apresentaremos, neste Caderno de Redações Comentadas, alguns textos prototípicos, de ambas as propostas temáticas, que receberam notas acima da média, na média, abaixo da média e também redações que foram anuladas, de acordo com a nossa *grade analítica de avaliação*, que se tornou pública em 2019¹. As redações vêm acompanhadas de comentários que explicam as respectivas avaliações.

¹ A grade analítica de avaliação encontra-se disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/vestibular-2020/grade-da-redacao/>. Os quatro critérios avaliados são: Proposta temática (Pt), Gênero (G), Leitura do(s) texto(s) (Lt) e Convenções da Escrita e Coesão (CeC).

2. A PROVA DE REDAÇÃO DO VESTIBULAR UNICAMP 2020

REDAÇÃO

PROPOSTA 1

Você trabalha como colunista em uma revista eletrônica brasileira, bastante acessada por ambientalistas de diferentes países. Esse público demanda, constantemente, matérias sobre a *biodiversidade* e sobre o *caráter multiétnico e multicultural* do Brasil. O editor da revista encomendou a você um *podcast* que aborde a inter-relação entre esses dois temas e sua importância para a sustentabilidade.

Para se preparar para o seu **podcast**, você escreve o texto que lerá no dia da gravação. Nele você deve: **a)** relacionar biodiversidade e sociodiversidade, **b)** tratar da importância da preservação do patrimônio cultural e ambiental para o crescimento sustentável do Brasil e **c)** argumentar de modo a convencer seus ouvintes.

Podcasts são arquivos digitais de áudio publicados na internet e que podem ser ouvidos, até mesmo em celulares, a qualquer momento, por qualquer pessoa. São considerados “textos para ouvir”.

Para redigir seu texto, leve em conta os excertos apresentados a seguir.

1) O patrimônio genético nacional e os conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade brasileira contribuem para o desenvolvimento de novos produtos, muitos deles patenteados para ser comercializados. Isso porque o Brasil é um dos poucos países que reúnem as principais características para ter um sistema de acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais a ele associados, de modo a promover o desenvolvimento sustentável. **A primeira característica é a biodiversidade:** são mais de 200 mil espécies já registradas em seus biomas (Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa) e na Zona Costeira e Marinha. Este número pode chegar a mais de 1 milhão e oitocentas mil espécies. **A segunda característica é a sociodiversidade:** são mais de 305 etnias indígenas, com cerca de 270 diferentes línguas, além de diversas comunidades tradicionais e locais (quilombolas, caiçaras, seringueiros, etc.) e agricultores familiares, que detêm importantes conhecimentos associados à biodiversidade. (Adaptado de Patrimônio Genético e Conhecimentos Tradicionais Associados. Disponível em <https://www.mma.gov.br/patrimonio-genetico.html>. Acessado em 02/08/2019.)

2) o cerrado é milagre, como toda a vida
(é também pedaço do planeta que desaparece)
abraço meu irmão pequizeiro
(...) os jatobás sorriem
as perobas não dizem nada, apenas sentem
(...)
agora prepare seu coração:
correntão vai passar e levar tudo
ninho de passarinho rasteiro também
depois do correntão,
brotou o que tinha que brotar
mas já era tarde – faça fina do arado cortou a raiz
pela raiz e aí não brotou mais nada. aliás, brotou
coisa melhor: soja, verdinha, verdinha

que beleza, diziam
(...)
antes de terminar pergunto: quem vai pagar
o preço de tamanha destruição?
“daqui a cem anos estaremos todos mortos”,
disse alguém.
certo. estaremos todos mortos
mas nossos netos, não

o cerrado é milagre, minha gente

(Nicolas Behr. O cerrado é milagre, *Primeira Pessoa*. Brasília: LGE Editora, 2005, p. 109.)

3) O Cerrado é o lugar onde a sabedoria popular se materializa em planta. Lá as aparências, de fato, enganam. Onde se veem arbustos de galhos retorcidos há o mais importante sistema de captação e reserva de água do Brasil fora da Amazônia. Um sistema baseado em vegetação e que garante nove das principais bacias hidrográficas do país. Ameaçado pela expansão do agronegócio, reduzido a cerca da metade de seu tamanho original, ele agora caminha para a maior extinção de plantas já registrada no mundo, com consequências para a oferta de água e a regulação do clima do centro-sul do país. Falamos de perda de biodiversidade, de segurança hídrica e climática. Um hectare desmatado de Cerrado tem mais impacto hoje do que um hectare desmatado na Amazônia. Não se trata de impedir a produção agrícola. Ao contrário, ela tem condições de aumentar sem precisar desmatar mais – frisa Bernardo Strassburg, diretor do Instituto Internacional para a Sustentabilidade. (Adaptado de Ana Lucia Azevedo, Desmatamento do Cerrado pode levar à extinção de 1.140 espécies de plantas. Disponível em *O Globo*, 14/10/2018. Acessado em 02/08/2019.)

4) O último relatório da ONU que alerta sobre a velocidade com que as espécies estão se extinguindo (uma de cada oito está ameaçada) assinala que essa destruição da natureza é mais lenta nas terras onde vivem os povos indígenas do que no resto do planeta. Mas também destaca a crescente ameaça que ronda essas comunidades na forma de expansão da agricultura, urbanização, mineração, novas infraestruturas. O Brasil, que abriga a maior parte da Amazônia e o ecossistema mais rico do mundo, é um dos países onde essa ameaça é mais evidente. Segundo Nurit Bensusan, da ONG Instituto Socioambiental (ISA), o papel dos indígenas ganha uma dimensão importante: “Por conhecerem tão intimamente as florestas, eles têm uma percepção muito antecipada das mudanças ambientais. Sabem como lidar com isso. Por exemplo, param de caçar em uma área durante um tempo e assim aliviam o impacto antes que quaisquer outros.” Os indígenas são parte essencial dos alertas rápidos e da prevenção. (Adaptado de Naiara Galarraga Gortázar, Por que os indígenas são a chave para proteger a biodiversidade planetária: a ONU destaca que nas terras habitadas pelos povos originários o desaparecimento de espécies é mais lento que no resto do mundo. Disponível em *El País*, 08/05/2019. Acessado em 04/08/2019.)

Você é um(a) escritor(a) que publica uma **crônica** em uma revista semanal. Sempre se viu como uma pessoa livre de preconceitos e sempre apoiou a igualdade de gêneros. Hoje, porém, ao ler uma matéria no *El País*, você se deu conta de que, certa vez, vivenciou um episódio em que considerou normal uma das atitudes listadas nessa matéria, as quais, segundo Ianko López, revelam o *micromachismo* enraizado em nossa sociedade.

Diante da sua tomada de consciência, você decidiu que esse será o tema da sua **crônica** desta semana. Identificou, então, entre as atitudes listadas (excerto 1) a que corresponde à situação que você vivenciou. Em sua **crônica**, você deve, tal como fez Chimamanda Ngozi Adichie (excerto 2): **a)** narrar o episódio vivenciado por você, **b)** relacioná-lo à atitude *micromachista* escolhida e **c)** expor suas reflexões sobre os sentimentos que o reconhecimento dessa atitude despertou em você.

Crônica é um gênero textual que aborda temas do cotidiano. Normalmente é veiculada em jornais e revistas. O cronista narra situações corriqueiras sob uma ótica particular.

Para redigir o seu texto, leve em conta os excertos apresentados a seguir.

1) As atitudes machistas mais flagrantes são claras para nós. Aquelas que, de forma manifesta e constante, colocam a mulher em uma posição inferior ao homem em contextos sociais, econômicos, jurídicos e familiares. Aquelas que consideram que o homem e a mulher nascem com objetivos e ambições diferentes na vida. No entanto, apesar das reivindicações históricas dos anos 1970 e da crescente conscientização em relação ao machismo em todos os âmbitos culturais e políticos nos últimos anos, há pequenos resquícios que continuam interiorizados em muitos de nós. São sequelas da nossa educação e dos produtos culturais que nos formaram como pessoas e que fazem com que, apesar de criticarmos e denunciarmos o machismo, ainda possamos cair em algumas de suas armadilhas sem perceber. O micromachismo, como vem sendo chamado nos últimos cinco anos, se manifesta em formas de discriminação muito sutis que acontecem todos os dias, até mesmo nos ambientes mais progressistas. Segue uma lista baseada em exemplos que demonstram que talvez tenhamos entendido o grosso das reivindicações feministas, mas ainda precisamos ler as letras miúdas.

1. Achei necessário explicar algo a uma mulher sem que ela me pedisse, pelo simples fato de ser mulher.
2. Comentei com um amigo que ficou cuidando dos filhos: “Hoje te deixaram de babá.”
3. Perguntei a uma mulher se ela estava “naqueles dias” quando me respondeu com indiferença ou desprezo.
4. Disse que “ajudo” nas tarefas do lar, subentendendo que esse é um trabalho da mulher em que eu estou ajudando, e não participando em condições de igualdade.
5. Em meu trabalho ou entre amigos, só chamo os homens para jogar futebol, pressupondo que as mulheres não querem jogar.
6. Perguntei a uma mulher quando vai ter filhos, mas nunca perguntei o mesmo a um homem.
7. Pago todos os meus jantares com mulheres acreditando que é o que se espera de mim.
8. Descrevi uma mulher como “pouco feminina”.
9. Usei a palavra “provocante” para descrever a roupa de uma mulher.
10. Comentei que “essas não são formas para uma moça falar.”
11. Na televisão, aprecio homens ácidos e divertidos e mulheres bonitas.
12. Fiz o comentário “Ela é uma mulher forte”, subentendendo que as mulheres, em geral, são fracas.
13. Deixo meu filho adolescente ficar na rua até as 3 da madrugada, mas obrigo minha filha a voltar antes da meia-noite.

(Adaptado de Ianko López, *Micromachismos*: se é homem e faz alguma destas coisas, deve repensar seu comportamento. Disponível em *El País*. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/07/politica/1520426823_220468.html. Acessado em 28/06/2019.)

2) Quando eu estava no primário, em Nsukka, uma cidade universitária no sudeste da Nigéria, no começo do ano letivo, a professora anunciou que iria dar uma prova e quem tirasse a nota mais alta seria o monitor da classe. Ser monitor era muito importante. Ele podia anotar, diariamente, o nome dos colegas baderneiros, o que por si só já era ter um poder enorme; além disso, ele podia circular pela sala empunhando uma vara, patrulhando a turma do fundão. É claro que o monitor não podia usar a vara. Mas era uma ideia empolgante para uma criança de nove anos, como eu. Eu queria muito ser a monitora da minha classe. E tirei a nota mais alta. Mas, para minha surpresa, a professora disse que o monitor seria um menino. Ela havia se esquecido de esclarecer esse ponto, achou que fosse óbvio. Um garoto tirou a segunda nota mais alta. *Ele* seria o monitor. O mais interessante é que o menino era uma alma bondosa e doce, que não tinha o menor interesse em vigiar a classe com uma vara. Mas eu era menina e ele, menino, e ele foi escolhido. Nunca me esqueci desse episódio. Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar “normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. Eu tendo a cometer o erro de achar que uma coisa óbvia para mim também é óbvia para todo mundo. Um dia estava conversando com meu querido amigo Louis, que é um homem brilhante e progressista, e ele me disse: “Não entendo quando você diz que as coisas são diferentes e mais difíceis para as mulheres. Talvez fosse verdade no passado, mas não é mais. Hoje as mulheres têm tudo o que querem.” Oi? Como o Louis não enxergava o que para mim era tão óbvio? (Adaptado de Chimamanda Ngozi Adichie. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia da Letras, 2015, p. 15-17.)

3. EXPECTATIVAS DA BANCA

Proposta 1

Na primeira proposta de redação, os candidatos deveriam assumir o papel de um(a) colunista de uma revista eletrônica especializada em temáticas ambientais, responsável por escrever uma matéria, a ser veiculada em um *podcast*, sobre a inter-relação entre *biodiversidade* e *sociodiversidade* e sua importância para o crescimento sustentável do Brasil. Ou seja, deveriam escrever um *texto argumentativo* a ser transmitido oralmente. Para quem não soubesse o que é um *podcast*, a prova apresentava uma definição em box.

A coletânea oferecia subsídios para que os candidatos preparassem esse texto a ser lido em voz alta no dia da gravação do *podcast*. O primeiro excerto apresentava conceitos que, à primeira vista, poderiam ser desconhecidos, como *biodiversidade* e *sociodiversidade* (caráter *multiétnico* e *multicultural* do Brasil), e apontava uma associação importante: o conhecimento do patrimônio genético nacional pelas comunidades tradicionais e locais promove desenvolvimento sustentável. As definições de *biodiversidade* (200 mil espécies registradas em nossos biomas: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa) e de *sociodiversidade* (350 etnias indígenas, com cerca de 270 diferentes línguas, e comunidades quilombolas, caiçaras, seringueiras etc.) foram extraídas do *site* oficial do Ministério do Meio Ambiente e associadas ao desenvolvimento sustentável do Brasil.

O segundo excerto foi o poema “O cerrado é milagre”, de Nicolas Behr. O poeta inicia seus versos despedindo-se da beleza natural do Cerrado (o pequizeiro, os jatobás, as perobas), ao mesmo tempo que celebra a harmonia ali existente antes de o correntão “passar e levar tudo”, cortando com a “faca fina do arado” toda a raiz, para que no lugar brotasse “soja, verdinha, verdinha”. Nos versos finais, Behr indaga: “quem pagará o preço da destruição?”. A futura geração (“os nossos netos”), ele mesmo responde. O poema trabalha com três tempos: o *passado* (quando o Cerrado existia de maneira pujante), o *presente* (o Cerrado é destruído para dar lugar à plantação de soja) e o *futuro* (quando se pergunta sobre as consequências do ecocídio). O passado é tratado nostalgicamente, ao passo que o futuro é entrevisto com certo tom de desesperança: a destruição ambiental é descrita sob uma perspectiva subjetiva no poema, diferentemente do que se observava nos outros excertos.

O terceiro excerto da coletânea destacava novamente a relevância do Cerrado – “onde se veem arbustos de galhos retorcidos”, e onde há o “mais importante sistema de captação e reserva de água do Brasil fora da Amazônia”, garantindo “nove das principais bacias hidrográficas do país” – atualmente reduzido à metade e ameaçado pelo crescimento do agronegócio. A destruição da biodiversidade no Cerrado não apenas impacta a oferta hídrica como também desregula o clima no Centro-Sul do país. Enquanto os holofotes da mídia refletem as consequências do desmatamento na Amazônia, a proposta aqui foi alertar que o bioma que corre maior risco no Brasil é o Cerrado. A recomendação final foi favorável à sustentabilidade: é possível investir na produção agrícola sem, contudo, desmatar.

O último excerto intensificava o tom da tragédia anunciada: uma em cada oito espécies está em extinção. Os predadores são a expansão agrícola, a urbanização, a mineração, as novas infraestruturas. Se, por um lado, o Brasil tem um dos mais ricos ecossistemas do mundo, por outro, é um dos países mais ameaçados. No entanto, tal destruição da natureza não se dá por igual em todo o território nacional, pois, onde vivem povos tradicionais, a degradação é mais lenta, como é o caso dos indígenas na Amazônia: “por conhecerem tão intimamente as florestas, eles têm uma percepção muito antecipada das mudanças ambientais”, salienta Nurit Bensusan, da ONG Instituto Socioambiental (ISA).

Como se vê, a coletânea trazia várias informações que poderiam ser mobilizadas como argumentos pelos candidatos na elaboração de seu texto para o *podcast*. A expectativa era a de que os melhores textos fossem aqueles que, em vez de lidarem com todos os excertos, fizessem um recorte, selecionando e articulando argumentos.

Por exemplo, o excerto 1 ressaltava a importância das comunidades tradicionais e locais para a preservação do nosso patrimônio genético, o que era retomado no excerto 4, em que eram apontadas as práticas sustentáveis dos indígenas na preservação da floresta amazônica. Os excertos 2 e 3, por sua vez, tinham em comum a preocupação específica com a destruição do Cerrado. Os candidatos poderiam aproveitar os versos do poema como argumentos que indicassem a destruição causada pelo desenvolvimento predatório (a soja verdinha toma o lugar do pequizeiro, dos jatobás, das perobas), e associá-los ao excerto 3, que reforçava o desastre causado pela expansão do agronegócio, responsável pela redução do Cerrado à metade. Contudo, diferentemente da distopia do poema, o excerto 3 permitia aos candidatos vislumbrar um crescimento sustentável: produzir sem desmatar.

Proposta 2

A expectativa nesta segunda proposta de redação era a de que os candidatos: 1) compreendessem o conceito de *micromachismo*; 2) colocassem-se no papel de um(a) cronista que, embora se considerasse livre de preconceitos de gênero, se dava conta de seu *micromachismo*; 3) escrevessem uma **crônica** na qual, obrigatoriamente, narrassem um episódio vivenciado pelo(a) cronista, relacionando-o à atitude *micromachista* escolhida e expondo seus sentimentos.

Esperava-se que os candidatos, tendo em mente a questão norteadora da proposta (o *micromachismo* enraizado em nossa sociedade), deixassem claro que o(a) cronista tomava consciência do *micromachismo* a partir do momento em que lia a matéria de Ianko López no *El País* e se dava conta de que considerava natural uma atitude *micromachista*. Esperava-se que, no desenrolar da sua crônica, os candidatos não confundissem atitudes *machistas* e *micromachistas*, ou seja, que indicassem ter entendido que são conceitos distintos, o que deveria ser compreendido tanto pela explicação sobre “atitudes *micromachistas*” (excerto 1) quanto pela narrativa de Chimamanda Ngozi Adichie (excerto 2), que explicava o processo de “normalização de atitudes”.

A matéria do *El País* (excerto 1) explicava a diferença entre o *machismo* institucionalizado ou *macromachismo*, presente em contextos sociais, econômicos, jurídicos e familiares, causa das reivindicações feministas desde os anos 1970, e o *micromachismo*, resquício de um machismo culturalmente enraizado: um machismo sutil, interiorizado em nós, e que às vezes escapa e se revela por meio de pensamentos e atos do cotidiano – uma armadilha mesmo para aqueles que se consideram progressistas, livres de preconceito e a favor da igualdade de gêneros. A narrativa de Chimamanda (excerto 2), por sua vez, não apenas exemplificava o gênero crônica como também descrevia um exemplo clássico de *micromachismo* praticado no ambiente escolar: só os meninos eram aprovados para ser monitores da classe. Da instituição escolar para o mundo do trabalho, o *micromachismo* se repete ciclicamente até ser normalizado e, conseqüentemente, normatizado – critica a autora africana. E há ainda quem negue (como Louis, seu amigo de infância) que o mundo é mais difícil para as mulheres só porque são mulheres.

Em relação ao gênero solicitado, os candidatos deveriam elaborar uma crônica. Além de considerarem como exemplos crônicas que circulam em diferentes suportes (livros, jornais, revistas, redes sociais), poderiam também se apoiar na descrição resumida do gênero apresentada em um boxe na prova e, sobretudo, seguir “passo a passo” as tarefas da proposta: a) narrar o episódio *micromachista* vivenciado, b) relacioná-lo a alguma atitude *micromachista* selecionada da lista do *El País*, para, enfim, c) expor reflexões e sentimentos despertados a partir do reconhecimento de que tal atitude vivenciada, e inconscientemente naturalizada como normal, era, na verdade, *micromachista*.

Os candidatos deveriam então recorrer aos tipos de texto narrativo e expositivo para construir sua crônica, de forma a caracterizar, de maneira produtiva, a personagem-cronista, ou outras personagens envolvidas, se esta fosse uma opção do seu projeto de texto. Para tecer suas reflexões e expor seus sentimentos, o(a) narrador(a)-cronista poderia também recorrer ao tipo de texto argumentativo para, por exemplo, fundamentar a importância de sua tomada de consciência sobre o *micromachismo*. A expectativa era a de que os melhores textos fossem aqueles cuja situação de produção da proposta pudesse ser explorada tanto para a caracterização da personagem-cronista quanto para a construção do tempo da narrativa, de tal forma que as ações e os sentimentos vivenciados fossem construídos em função da tomada de consciência, constituída como o momento de ruptura ou mesmo como o *clímax* do episódio narrado.

Note-se que os candidatos deveriam selecionar, entre as 13 opções da matéria do *El País* (excerto 1), a que considerassem mais interessante para suscitar reflexões e, a partir disso, construir sua crônica. Cabe ressaltar que eles não tinham a obrigação de propor mudanças de atitudes para o futuro; podiam, por exemplo, apenas reanalisar alguma situação já vivida sob uma nova perspectiva e repensá-la, sem que isso acarretasse um replanejamento de ações futuras ou uma mudança de atitude.

4. COMENTÁRIOS DAS REDAÇÕES DA PROPOSTA 1

Redação acima da média

Bom dia, queridos ouvintes! Estamos aqui em mais um podcast, trazendo informação e reflexão para você. O tema de hoje é a importância das comunidades tradicionais brasileiras para a preservação da nossa biodiversidade. Em primeiro lugar, você sabe o que é erosão genética? Esse conceito relaciona-se à perda do patrimônio genético, que tem sido ocasionada pela eliminação de espécies. Imagine que uma área de vegetação nativa passe a abrigar plantações de soja. Toda a biodiversidade presente ali é perdida, juntamente com os genes desses seres vivos, que poderiam originar cosméticos, alimentos, medicamentos e outros produtos biotecnológicos. Infelizmente, as 200 mil espécies descritas nos biomas brasileiros, além daquelas ainda desconhecidas, estão ameaçadas pelo avanço da monocultura, da mineração e da atividade madeireira. Nesse contexto, as populações indígenas e comunidades locais, como caiçaras, quilombolas e seringueiros, mantêm uma relação não apenas econômica com a terra, mas também simbólica. Portanto, a luta pela preservação dos biomas faz parte de sua cultura.

Em relação a isso, a ONU tem mostrado que a preservação da natureza é maior onde vivem os povos indígenas, devido ao profundo conhecimento que eles detêm sobre a dinâmica ambiental. Antes de todos, eles identificam uma área exaurida e passam a não explorá-la, permitindo sua recuperação. No entanto, a permanência deles está ameaçada. Lembremos o atual desmonte financeiro da Funai. Além disso, a contaminação por mercúrio tem inviabilizado a sobrevivência dos indígenas e, conseqüentemente, da floresta. Ao ouvir floresta, aposto que você se lastima pelo desmatamento da Amazônia, não é mesmo? Porém, o Cerrado brasileiro está em maior risco de extinção. Aquelas árvores retorcidas são responsáveis pela manutenção de nove importantes bacias hidrográficas brasileiras e pela estabilidade do clima do Centro-Sul. Isso significa que o fim do Cerrado deixará a região mais populosa do país sem água. A razão do desmatamento do Cerrado é a expansão da soja, commodity com alto valor no mercado. Porém, a que custo socioambiental?

Desse modo, vimos que precisamos de políticas para proteger as comunidades tradicionais e preservar a nossa biodiversidade. Isso não significa deixar de plantar soja, mas utilizar a tecnologia para aumentar a produção, de modo que não seja necessário desmatar novas áreas. Além disso, devemos priorizar atividades que conciliam economia e manutenção da biodiversidade, como a coleta de castanhas e frutas. Tais atividades podem ainda contribuir para a valorização dos atores sociais locais, com fortalecimento de sua etnia e cultura. Por exemplo, o comércio de pequi e de açaí é bastante lucrativo. E, com certeza, estudos sobre a diversidade revelariam mais itens com potencial econômico e biotecnológico. Portanto, destruir biomas e comunidades tradicionais não pode ser uma opção. Pense a respeito. Até nosso próximo podcast, pessoal.

Nesta redação, o candidato, já no primeiro parágrafo, opta por marcar a interlocução com seus ouvintes em um tom de conversa, o que é autorizado pelo podcast. Em seguida, anuncia o tema de que vai tratar no podcast do dia (“a importância das comunidades tradicionais brasileiras para a preservação da nossa biodiversidade”), deixando claro que entendeu parte da discussão central proposta pelo tema (Pt): a *inter-relação da biodiversidade e sociodiversidade para a preservação ambiental*. Na sua estratégia argumentativa, o candidato lança uma pergunta retórica para os seus ouvintes (“você sabe o que é erosão genética?”) a fim de respondê-la, didaticamente, no mesmo parágrafo, a partir de informações disponibilizadas nos excertos da coletânea. Explica que a “erosão genética” se refere à “perda de patrimônio genético, que tem sido ocasionada pela eliminação das espécies” e exemplifica o desastre

ambiental sugerindo a imagem de “uma área de vegetação nativa” que é devastada para “abrigar plantações de soja” (excertos 2 e 3). Adverte que “toda a biodiversidade presente ali é perdida, juntamente com os genes desses seres vivos”, e é desse modo que “as 200 mil espécies descritas nos biomas brasileiros, além daquelas ainda desconhecidas, estão ameaçadas pelo avanço da monocultura, da mineração e da atividade madeireira” (excertos 1 e 4). Por fim, o candidato demonstra que entendeu plenamente a Proposta temática (Pt) ao concluir que a perda dessa biodiversidade impede o desenvolvimento de “cosméticos, alimentos, medicamentos e outros produtos biotecnológicos”, ou seja, impede um *crescimento sustentável*, e que “as populações indígenas e comunidades locais (como caiçaras, quilombolas e seringueiros) mantêm uma relação não apenas econômica com a terra, mas também simbólica. Portanto, a luta pela preservação dos biomas faz parte de sua cultura” (excertos 1 e 4). O candidato termina seu primeiro parágrafo retomando a ideia inicial que relaciona sociodiversidade e biodiversidade, mas agora completa seu argumento: essa inter-relação é importante não apenas para a preservação ambiental, como também para a *preservação cultural*.

O segundo parágrafo dá continuidade a essa preocupação com os povos indígenas, não apenas em nível nacional (é preciso ficar atento ao perigo que representa o “desmonte financeiro da Funai”), como em nível mundial, já que a ONU, em seu relatório, reconhece que a necessidade de “preservação da natureza é maior onde vivem os povos indígenas, devido ao profundo conhecimento que eles detêm sobre a dinâmica ambiental. Antes de todos, eles identificam uma área exaurida e deixam de explorá-la, permitindo sua recuperação. No entanto, a permanência deles está ameaçada” (excerto 4). O diálogo com os ouvintes do *podcast* não é esquecido, então, ao acusar o mercúrio de inviabilizar a sobrevivência dos indígenas e, conseqüentemente, da floresta, o candidato lança mais uma pergunta retórica (“Ao ouvir floresta, aposto que você se lastima pelo desmatamento da Amazônia, não é mesmo?”). A pergunta serve, novamente, como estratégia argumentativa para desviar os holofotes da Amazônia para o Cerrado (“Porém, o Cerrado brasileiro está em maior risco de extinção”): leitura importante, nuclear nesta proposta de redação, e que é realizada de maneira proveitosa pelo candidato, quando, por exemplo, mobiliza o excerto 3 para argumentar que “Aquelas árvores retorcidas são responsáveis pela manutenção de nove importantes bacias hidrográficas brasileiras e pela estabilidade do clima do Centro-Sul. Isso significa que o fim do Cerrado deixará a região mais populosa do país sem água” e que “A razão do desmatamento do Cerrado é a expansão da soja, commodity com alto valor no mercado”. O candidato aponta aqui as conseqüências da destruição do Cerrado para o ecossistema e critica a lógica capitalista do mercado, que investe na expansão do agronegócio, mais especificamente, da soja (excerto 2), “porém, a que custo ambiental?” – questiona, em mais uma artimanha retórica de seu *projeto de texto*.

O terceiro e último parágrafo ratifica a tese desenhada pelo candidato desde o início e sustentada pelos seus argumentos ao longo do seu texto: a urgência de se cuidar da relação *sociodiversidade-biodiversidade* (“precisamos de políticas para proteger as comunidades tradicionais e preservar a nossa biodiversidade” e “destruir biomas e comunidades tradicionais não pode ser uma opção”) e a *defesa de um crescimento sustentável* (“Isso não significa deixar de plantar soja, mas utilizar a tecnologia para aumentar a produção, de modo que não seja necessário desmatar novas áreas”). O desenvolvimento sustentável é, portanto, a saída proposta pelo candidato, que sugere “priorizar atividades que conciliam economia e manutenção da biodiversidade, como a coleta de castanhas e frutas” – nesse sentido, “o comércio de pequi e de açaí é bastante lucrativo” (excerto 2) – para concluir que “Tais atividades podem ainda contribuir para a valorização dos atores sociais locais, com fortalecimento de sua etnia e cultura. (...) E, com certeza, estudos sobre a diversidade revelariam mais itens com potencial econômico e biotecnológico”. Em seguida, o candidato encerra seu *podcast* solicitando a reflexão dos ouvintes a respeito e se despede.

Nota-se que em nenhum momento de seu texto o candidato perdeu de vista a Proposta temática (Pt): relacionou biodiversidade e sociodiversidade, destacou a importância da preservação ambiental e cultural, e defendeu o crescimento sustentável. Soube, com maestria, mobilizar todos os excertos da coletânea para usá-los em prol de seu *projeto de texto*. Para tanto, não obedeceu à ordem sequencial dos excertos, tampouco “copiou e colou” partes da coletânea sem se preocupar com a progressão temática e com a força argumentativa de sua redação. Ao contrário, o candidato se apropriou dos excertos, isto é, valeu-se das informações ali disponíveis para construir seus argumentos, sabendo aproveitar até mesmo os versos do poema de Nicolas Behr, ignorado por muitos. Trouxe ainda argumentos “de fora”, de sua leitura de mundo (“conceito de erosão genética”, “a contaminação de mercúrio na floresta Amazônica”, “o desmonte da Funai”, “a soja como commodity de alto valor no mercado”), *inferências* produtivas para seu *projeto de texto* e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da sua redação. Não se trata de avaliar a *quantidade*, mas sim a *qualidade* da Leitura dos textos (Lt) da prova, e para além da prova, realizada pelo candidato. Uma leitura crítica da Proposta temática (Pt) e da coletânea, portanto.

Vale ressaltar também o bom domínio de *texto argumentativo* por parte do candidato, que soube explorar o Gênero (G) e sua circulação em um *podcast*. Primeiramente, é possível perceber sua estratégia quando marca formalmente a interlocução em todos os parágrafos a fim de manter uma conversa sobre o tema com seu suposto público. O candidato, entretanto, extrapola a marca meramente formal quando lança perguntas aos seus ouvintes (“Em primeiro lugar, você sabe o que é erosão genética?”, “Ao ouvir floresta, aposto que você se lastima pelo desmatamento da Amazônia, não é mesmo?” e “Porém, a que custo socioambiental?”) e quando se despede do público apelando para uma reflexão acerca do que foi dito (“Pense a respeito”). As perguntas retóricas são bastante persuasivas em se tratando de um texto argumentativo e aqui funcionaram bem; o mesmo acontece com a solicitação final, uma vez que o *podcast* tem continuidade, como indica o candidato: “Até nosso próximo *podcast*, pessoal”.

Em relação às Convenções da escrita e Coesão (CeC), destacam-se nesta redação, as escolhas lexicais e sintáticas do candidato notadamente produtivas, tais como: “abrigar plantações de soja”, “produtos biotecnológicos”, “avanço da monocultura, da mineração e da atividade madeireira”, “as populações indígenas e comunidades locais (...) mantêm uma relação (...) simbólica”, “Lembremos o atual desmonte financeiro da Funai”, “a contaminação por mercúrio tem inviabilizado a sobrevivência dos indígenas”, “commodity com alto valor no mercado”, “custo socioambiental”, “valorização dos atores sociais locais”. São igualmente produtivos os recursos coesivos (anafóricos e catafóricos) usados pelo candidato, que garantem não apenas a tessitura do texto (“Em primeiro lugar”, “Nesse contexto”, “mas também”, “Portanto”, “Em relação a isso”, “Além disso”, “No entanto”, “Porém”, “Isso significa”, “Desse modo”, “Tais atividades”, entre outros), como também contribuem para a clareza e fluência da leitura da redação.

Redação mediana

*No *podcast* dessa semana, a Eco Life traz à tona a importância da associação entre biodiversidade e sociodiversidade dentro do território brasileiro. Sabemos que nosso país apresenta uma riqueza biológica na qual ganha destaque internacional. Por isso que nossos amigos franceses, alemães, americanos, ou seja, todos, querem proteger a Amazônia, não é mesmo? Porém, não é somente a Amazônia que merece atenção como um todo, e sim o que as influências acerca da exploração sobre grupos sociais e sobre espécies nativas nos trazem para a manutenção de certo equilíbrio socioambiental. Assim, o *podcast* dessa semana abordará justamente essa inter-relação.*

Em primeiro lugar, é necessário frisar a crescente violência com a qual minorias étnicas vêm sofrendo no Brasil. O elevado número de índios mortos no ano de 2019 evidencia o caminho contrário que nosso país está tomando no que se refere à preservação do patrimônio cultural. Não é só aquilo que está morto que deve se proteger, mas também o que se encontra nas pequenas comunidades espalhadas por todo o país, que mantêm um equilíbrio com a natureza. Nesse aspecto, a extinção dessas comunidades abre margem à exploração predatória, ou seja, indústrias e interesses se estabelecem no local e, com isso, toda a riqueza ali presente está automaticamente ameaçada, como se observa no Cerrado, assunto do próximo tópico.

*A destruição do Cerrado é um dos eventos mais tristes da realidade brasileira. Isso porque o senso comum vê nessa região um ambiente propício para a exploração, só que a predominância de galhos retorcidos passa a ideia de que tal ambiente é homogêneo. No entanto, nossos ambientalistas ouvintes dizem o contrário: o Cerrado é extremamente rico em biodiversidade, sendo considerado um *hotspot* ecológico. Assim, o avanço do agronegócio nessa região ameaça não somente os pequenos proprietários, como também ameaça esse patrimônio cultural que é o Cerrado.*

Com isso, é importante que todos reflitam sobre as queimadas que vêm sendo noticiadas ao redor do mundo. Esse tipo de desmatamento é o que mais prejudica a biodiversidade local, como vem sendo constatado no Cerrado brasileiro e na Austrália. Isso comprova que não somos os únicos a enfrentarem esse problema, mas temos o fator dificultante que é a ameaça constante às diversidades sociais.

Portanto, preservar a sociodiversidade é manter a harmonia com os ecossistemas, mantendo nossa rica biodiversidade. Fica tal reflexão, caros ouvintes. Encerra-se, assim, mais um podcast.

Logo no início da redação, o candidato contextualiza seu *podcast* semanal – batizado criativamente de “Eco Life”, por meio do qual vai falar da “importância da biodiversidade e sociodiversidade dentro do território brasileiro”. No entanto, diferentemente do texto anterior, opta por não explicitar nessa introdução a interlocução com seus ouvintes, o que não configura um problema, apenas um estilo. Nesse primeiro parágrafo, o candidato destaca que “nosso país apresenta uma riqueza biológica na qual ganha destaque internacional” e faz questão de frisar os países interessados na proteção da Amazônia (“amigos franceses, alemães, americanos”) para, em seguida, advertir que não “é somente a Amazônia que merece atenção como um todo”, mas que a “as influências acerca da exploração sobre grupos sociais e sobre espécies nativas nos trazem para a manutenção de certo equilíbrio socioambiental” e é “justamente essa inter-relação” de que vai tratar em seu *podcast*.

Apesar de as escolhas coesivas atrapalharem um pouco a clareza de seu primeiro parágrafo, nota-se que o candidato está, desde então, respondendo a parte da Proposta temática (Pt) quando, por exemplo, *inter-relaciona biodiversidade e sociodiversidade*: destaca a riqueza da primeira (excerto 1) e critica a exploração da segunda alertando para a importância de se manter um equilíbrio entre ambas. O segundo parágrafo avança nessa crítica quando o candidato denuncia a “violência com a qual minorias étnicas vêm sofrendo no Brasil”, como é o caso do “elevado número de índios mortos no ano de 2019”, e argumenta que esse caminho que o Brasil está tomando é contrário ao da preservação cultural. Na tentativa de explicar a importância dessas “pequenas comunidades espalhadas por todo o país” para manter um “equilíbrio com a natureza” (excerto 4), o candidato acaba enunciando algo que soa estranho: “não é só aquilo que está morto que deve se proteger”; mas, em seguida, recupera a ideia e completa seu argumento, que nós, leitores-avaliadores, com certo esforço, entendemos: “a extinção dessas comunidades abre margem à exploração predatória”, ou seja, abre espaço para as “indústrias” de “interesses” escusos que “se estabelecem no local” onde vivem essas comunidades “e, com isso, toda a riqueza ali presente” é “automaticamente ameaçada, como se observa no Cerrado” (excertos 2 e 3).

O final do segundo parágrafo é o tópico do terceiro, conforme anuncia o candidato, que o inicia afirmando que “A destruição do Cerrado é um dos eventos mais tristes da realidade brasileira”. Para dar sequência ao argumento, explica que “o senso comum vê nessa região um ambiente propício para a exploração, só que a predominância de galhos retorcidos passa a ideia de que tal ambiente é homogêneo”. Aqui, as escolhas lexicais (“homogêneo”) e coesivas (“só que”) do período não ajudam o leitor-avaliador a entendê-lo, mas o restante do parágrafo cumpre com essa tarefa: “o Cerrado é extremamente rico em biodiversidade, sendo considerado um hotspot ecológico”; logo, “homogêneo” foi usado como oposto de “diversidade”, tendo em vista que o Cerrado é rico nesse aspecto, por isso, “um hotspot ecológico”. Com relação ao “ambiente propício para a exploração” entendemos no final do parágrafo que o candidato se refere ao “avanço do agronegócio nessa região”, o qual “ameaça não somente os pequenos proprietários, como também ameaça esse patrimônio cultural que é o Cerrado” (excertos 2 e 3).

Vale ratificar que a clareza do texto até aqui, sobretudo nesse terceiro parágrafo, deve-se a um esforço na leitura, pois, como já dito, algumas escolhas lexicais e sintáticas do candidato na elaboração desse período foram infelizes, e tais problemas de Convenções da escrita e Coesão (CeC) acabam, de certa forma, enfraquecendo a argumentação, como dizer “o senso comum vê nessa região”, ou ainda, “só que a predominância de galhos retorcidos passa a ideia de que tal ambiente é homogêneo”. Quem/o que seria “o senso comum”? O agronegócio? Por que a “predominância de galhos retorcidos” implica necessariamente um “ambiente homogêneo”? Essa relação dos “galhos retorcidos” com a “homogeneidade” da natureza do Cerrado parece não fazer muito sentido.

Contudo, se, por um lado, essa falta de articulação coesiva no texto prejudica a clareza dos argumentos, por outro, não há dúvidas de que o candidato leu os excertos da coletânea (Lt) para a construção desses, principalmente o 3 e o 4, embora os excertos 1 e 2 também estejam presentes na sua redação. Essa leitura dos textos da prova (Lt) foi avaliada como mediana, pois demonstra que ele compreendeu globalmente o tema proposto e soube aproveitar os excertos da coletânea em função do seu *projeto de texto*; porém, diferentemente da redação anterior, não há no segundo texto inferência(s) que permita(m) considerá-lo acima da média. A referência ao “hotspot ecológico” é bem-vinda, mas é uma contribuição muito pontual, assim como a das queimadas na Austrália no parágrafo seguinte; não caracterizam, portanto, uma leitura inferencial.

No último parágrafo, o candidato chama a atenção do Brasil para o desmatamento no Cerrado, e do mundo para as queimadas na Austrália; além disso, solicita a reflexão de seus ouvintes – interlocutores que são evocados apenas nesse final – para o que “prejudica a biodiversidade local”, explicando que esse prejuízo conta com um “fator dificultante que é a ameaça constante às diversidades sociais”. Desse modo, conclui seu texto atendendo, em parte, à Proposta temática (Pt) ao afirmar que “preservar a sociodiversidade é manter a harmonia com os ecossistemas, mantendo nossa rica diversidade”, mas não avança no sentido de apontar a importância dessa preservação socioambiental para o *crescimento sustentável do Brasil* – uma das exigências que foi ignorada pelo candidato em sua redação.

Em suma, nessa redação o candidato cumpre parcialmente a Proposta temática (Pt), lê medianamente os textos da prova (Lt) e desenvolve o gênero textual argumentativo (G) configurando-o de acordo com seu *projeto de texto*. A simples referência ao *podcast* nos primeiros e últimos parágrafos e o breve apelo aos ouvintes no final não garantem uma avaliação diferenciada do critério Gênero (G). Os problemas de Convenções da escrita e Coesão (CeC) também comprometem pontualmente a compreensão do seu texto, por isso a sua avaliação é mediana.

Redação anulada

O Brasil é um dos países mais diversificados do mundo. Contando com um número de espécies que pode chegar a mais de 1 milhão e 800 mil, sendo que apenas 200 mil delas são registradas, e mais de 305 etnias indígenas e inúmeras comunidades tradicionais e locais. Isso tudo ajuda a ter um sistema de acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais, além de seu papel no desenvolvimento de novos produtos. Apesar da enorme importância da diversidade na sociedade, ela está diminuindo cada vez mais, seja pela extinção de espécies (uma a cada oito está ameaçada) ou pelo desmatamento (o cerrado tem cerca de metade do seu tamanho original). Usando o exemplo do cerrado, ele é o mais importante sistema de captação e reserva de água do Brasil. Para a Amazônia, e tem nove das principais bacias hidrográficas do país. Se o desmatamento continuar nesse ritmo pode-se acontecer a maior extinção de plantas já registrada no mundo. A expansão da agricultura, a urbanização, a mineração e a construção de novas infraestruturas são as principais ameaças ao ecossistema. Nota-se também que essas destruições são mais lentas em terras onde vivem os povos indígenas, já que eles têm uma percepção muito antecipada das mudanças ambientais, provando que é possível viver sem desmatar mais. Como diz o poema “O cerrado é milagre” de Nicolas Behr, “[...] daqui a cem anos estaremos todos mortos, / disse alguém. / certo. estaremos todos mortos / mas nossos netos, não [...]”.

Legenda:

	excerto 1
	excerto 2
	excerto 3
	excerto 4

Essa redação foi anulada por um motivo descrito em nossa grade analítica de correção: trata-se de uma redação que *copia* os textos da prova, mais especificamente, *copia* os excertos da coletânea, como é possível constatar a partir da legenda acima, que associa as cores aos respectivos excertos copiados. Diferentemente de outros processos seletivos, não contamos número de linhas ou de palavras, calculando matematicamente o que foi ou não literalmente copiado da prova de redação. Como já dito aqui na análise da redação acima da média, não avaliamos a *quantidade* e sim a *qualidade* da leitura que o candidato faz da coletânea de textos da prova e dos argumentos que seleciona para a elaboração do seu texto. O mesmo vale para a análise desta redação, que foi anulada por ter sido escrita a partir apenas de cópias mal-ajambradas dos excertos da coletânea.

A primeira afirmação do texto (“O Brasil é um dos países mais diversificados do mundo”) é tão ampla que não é possível sequer dizer que o candidato se refere ao tema da prova. “Diversificado” em quê? Provavelmente, em número de espécies e etnias, já que essa é a informação que vem em seguida, quando

o candidato “copia e cola” os dados do excerto 1, sem articulá-los de maneira lógica: “número de espécies que pode chegar a mais de 1 milhão e 800 mil, sendo que apenas 200 mil delas são registradas, mais de 305 etnias indígenas e inúmeras comunidades tradicionais e locais. Isso tudo ajuda a ter um sistema de acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais, além de seu papel no desenvolvimento de novos produtos”. Isso tudo o quê? De que forma “isso” ajudaria a ter acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais? Qual seria o papel mencionado no desenvolvimento de novos produtos e quem o teria? Quais seriam esses novos produtos? Essas são apenas algumas das perguntas que surgem ao ler essa primeira parte do texto que simplesmente justapõe períodos copiados do excerto 1, sem que haja muito sentido.

Na sequência, o candidato reconhece a “enorme importância da diversidade na sociedade” e constata que “ela está diminuindo cada vez mais, seja pela extinção de espécies (uma a cada oito está ameaçada) ou pelo desmatamento (o cerrado tem cerca de metade do seu tamanho original)”. O argumento associa causa (extinção de espécies ou desmatamento) e consequência (diminuição da diversidade da sociedade), logo, entendemos que o candidato está no tema da prova procurando estabelecer, a seu modo – e com certa benevolência do leitor-avaliador – uma relação entre *biodiversidade* e *sociodiversidade*, uma das tarefas da Proposta temática (Pt). Portanto, o motivo da anulação (conforme consta na grade analítica de correção) não é: 1. abordar *outro tema* que não o da prova ou 2. não cumprir a Pt nem o G, mas sim: 3. a *cópia*. Note-se que o argumento de causa e consequência anteriormente mencionado vem acompanhado de trechos copiados do excerto 4 (“uma a cada oito está ameaçada”) e do excerto 3 (“o cerrado tem cerca de metade do seu tamanho original”), o que indica que o trabalho com a coletânea do texto se reduz à cópia.

Ao trazer o exemplo do Cerrado para a sua redação, o candidato emenda partes copiadas do excerto 3: “ele é o mais importante sistema de captação e reserva de água do Brasil, Para a Amazônia, e tem nove das principais bacias hidrográficas do país. Se o desmatamento continuar nesse ritmo pode-se acontecer a maior extinção de plantas já registrada no mundo”. E, então, notadamente se atrapalha no ato de “copiar e colar”, escrevendo, no meio do caminho, um “Para Amazônia” entre vírgulas. Ao fim, questionamos: essas informações são da Amazônia ou do Cerrado?

Imaginamos ser mesmo do Cerrado, tendo em vista que o candidato copiou, em seguida, um trecho do excerto 4: “A expansão da agricultura, a urbanização, a mineração e a construção de novas infraestruturas são as principais ameaças ao ecossistema. Nota-se também que essas destruições são mais lentas em terras onde vivem os povos indígenas, já que eles têm uma percepção muito antecipada das mudanças ambientais”. Para dar acabamento à “colcha de retalhos” e não faltar cópia de nenhum excerto da coletânea, o poema *O cerrado é milagre*, de Nicolas Behr (excerto 2), encerra a redação: “[...] daqui a cem anos estaremos todos mortos, / disse alguém. / certo. estaremos todos mortos / mas nossos netos, não [...]”.

Indiscutivelmente, o texto do candidato se resume a *cópias* dos excertos fornecidos pela prova, por isso a redação foi anulada.

5. COMENTÁRIOS DAS REDAÇÕES DA PROPOSTA 2

Redação acima da média

O Tratado Absoluto das Roupas Femininas

Na semana passada, uma grande amiga convidou-me para acompanhá-la em um ilustríssimo evento: um “show” de sertanejo no clube da cidade. Haveria tudo com que mulheres progressistas como nós - pelo menos, era o que eu pensava que éramos - sonham: bebidas, diversão até tarde da noite e, sobretudo, tolerância. Ora, como não ir? Logo depois do convite, eu já fora procurar uma roupa (“look”, para os íntimos) para cumprir a nobre missão de cantar “Jorge e Mateus” até ficar rouca.

No dia combinado, chegamos bem cedo para pegar uma boa mesa, onde eu, minha amiga e algumas garotas conhecidas nos sentamos. Conversávamos alegremente até que a visão de outra garota conhecida - que chamaremos de

Gabriela - vestindo uma bela saia de veludo vermelho, botas de salto alto e brincos de argolas douradas (hoje, percebo que ela estava indefectível), nos paralisou. Gabi aproximou-se da mesa enquanto a observávamos como se ela tivesse vindo diretamente de Júpiter. Não faltaram olhadelas inquisidoras, ainda que discretas. A alienígena sentou-se e conversamos um pouco até que ela decidiu ir ao banheiro (sozinha, porque nenhuma de nós quis acompanhá-la). Gabi mal havia saído quando minha amiga sentenciou: “Nossa, que roupa mais provocante! Chega a ser exagerada! Ela deveria ter mais senso ao se vestir”.

Foi unanimidade: todas nós concordamos com a constatação; algumas endossaram o parecer com comentários do tipo “ela só quer atenção” ou “não sei como ela tem coragem”. Naquele momento, não vi, admito envergonhada, qualquer problema no julgamento. O tribunal da roupa é recorrente, e toda mulher conhece suas leis. Somente hoje, ao ler uma matéria do “El País” sobre micromachismo, pude reconhecer o quão terrível fora minha atitude de classificar a roupa de Gabi como “provocante”.

Eu, que me achava tão progressista, mantinha enraizada em minha mentalidade a ideia de que mulheres não devem usar saias curtas. Eu, a feminista, utilizei-me de um código não verbalizado ao pensar que Gabi estava sendo indecente. Ora, que leis são essas que proíbem uma garota de se vestir como bem entender? Respondo: o código machista que, por vezes oculto, repeti tantas vezes para mim mesma. Esse é o “tratado” que usei como recurso de opressão contra Gabriela. Com vergonha e até mesmo com indignação, admito que percebi muito tarde o micromachismo do qual sou agente.

Diante disso, aprendi uma lição, e tenho uma certeza: estivesse Gabi com uma saia curta, estivesse Gabi coberta inteiramente por um vestido longo, a justiça machista a condenaria pelo simples fato de ser mulher. Deixo registrado aqui o triunfo de Gabi, mulher que enfrentou um código o qual, enquanto perdurar, limitará a liberdade feminina e condenará todas nós.

Fazia alguns anos que a prova de redação do Vestibular Unicamp (VU) não solicitava a escrita de um texto narrativo aos seus candidatos. A proposta do gênero *crônica* no VU 2020 foi uma surpresa bem recebida tanto pelos professores de língua portuguesa quanto pelos estudantes do ensino médio. A qualidade dos textos narrativos também surpreendeu os nossos avaliadores, como a redação acima da média aqui selecionada: uma *crônica* absolutamente publicável, que responde com excelência a toda a tarefa proposta nesta segunda produção textual.

No primeiro parágrafo, o candidato assume a voz narrativa de uma mulher e anuncia que vai relatar a ida com as amigas a um show de sertanejo (“Jorge e Mateus”) no clube de sua cidade. A narradora-personagem se autodeclara uma mulher progressista, assim como suas amigas-acompanhantes, e diz que estavam animadas para o show dos sonhos, com direito a “bebidas, diversão até tarde da noite e, sobretudo, tolerância”. Ao descrever sua personalidade e a das amigas, a narradora-personagem já nos deixa uma pista de que, talvez, elas não sejam assim tão progressistas como pensavam – interessante estratégia para despertar a curiosidade dos leitores e da qual falaremos mais adiante.

No segundo parágrafo, a descrição do evento: chegaram cedo para pegar uma boa mesa, sentaram-se distraídas e ficaram conversando alegremente até avistarem a amiga, que nomearam como Gabriela, aproximando-se da mesa. Gabriela vestia uma “saia de veludo vermelho, botas de salto alto e brincos de argolas douradas”: uma roupa provocante, exagerada, que demonstrava falta de bom senso – sentenciou uma das amigas. E eis que o *clímax* do enredo foi criado. Imediatamente, identificamos qual atitude *micromachista* listada no *El País* o candidato escolheu como mote para criar sua *crônica*: a atitude número 9: “Usei a palavra ‘provocante’ para descrever a roupa de uma mulher”. O candidato está cumprindo, portanto, a Proposta temática (Pt), uma vez que escolheu uma atitude *micromachista* daquelas listadas no jornal espanhol e está narrando um episódio vivenciado que se relaciona com essa atitude: o *bullying* praticado pela narradora-personagem e por suas amigas contra Gabriela em razão da roupa provocante usada por ela em um show sertanejo.

Toda a cena é muito bem construída, demonstrando que o candidato sabe fazer escolhas lexicais produtivas para imprimir estilo a sua *crônica*. A narradora-personagem relata que Gabriela foi encarada com “olhadelas inquisidoras, ainda que discretas”, foi tratada como se “tivesse vindo diretamente de Júpiter”, e

ninguém quis acompanhar “a alienígena” até o banheiro (hábito bastante comum entre as amigas quando saem juntas) tamanha vergonha ela provocava vestida daquele jeito. Hoje, adianta-nos a narradora-personagem tomada pela sororidade, Gabriela receberia o elogio de “indefectível”. Aliás, podemos dizer que, em toda a redação, as escolhas lexicais foram meticulosamente planejadas, sobretudo aquelas que nos remetem a um mesmo campo semântico: o de um *tribunal*. Por isso o uso de “olhadelas inquisidoras”, “minha amiga sentenciou”, “foi unanimidade”, “endossaram o parecer”, “problema no julgamento”, “o tribunal das roupas”, “conhece suas leis”, “código”, “tratado”, “usei como recurso”, “a justiça machista”, “condenará todas nós”. Além dessas escolhas produtivas, a fluência na sintaxe e os recursos coesivos utilizados também foram determinantes para a boa avaliação da redação no critério Convenções da escrita e Coesão (CeC), por exemplo: os períodos intercalados; o uso produtivo de dois pontos, aspas e parênteses; os conectivos anafóricos (como Júpiter e alienígena); a alternância entre discurso direto e indireto.

No terceiro parágrafo, o relato do julgamento inquisidor das amigas continua, dessa vez, expresso em comentários cruéis: “ela só quer atenção” ou “não sei como ela tem coragem”. Como se vê, o episódio vivenciado foi até então considerado normal pela narradora-personagem, que participou ativamente da tribuna, e reconhece: “O tribunal de roupa é recorrente, e toda mulher conhece suas leis”. Contudo, ao ler a matéria sobre *micromachismo* no *El País*, ela toma consciência da sua atitude deplorável no passado e faz o *mea-culpa* no presente, tal como simulava a *situação de produção* no enunciado da prova: “Naquele momento, não vi, admito envergonhada, qualquer problema no julgamento [...] pude reconhecer o quão terrível fora minha atitude de classificar a roupa de Gabi como ‘provocante’”.

O quarto parágrafo dá continuidade a esse sentimento de arrependimento, em tom confessional, no qual a narradora-personagem faz uma autocrítica e se reconhece *micromachista*, como nos revelam suas reflexões: “eu, que me achava tão progressista”, “eu, a feminista, utilizei-me de um código não verbalizado ao pensar que Gabi estava sendo indecente”, “que leis são essas que proíbem uma garota de se vestir como bem entender?” E ela mesma responde, mobilizando para isso as leituras que fez da coletânea (Lt): o texto do *El País* (excerto 1) e a narrativa de Chimamanda Adichie (excerto 2). Assume que “mantinha enraizada [...] a ideia de que mulheres não devem usar saias curtas”, que reproduziu muitas vezes “o código machista [...] oculto”; admite ter usado “esse tratado” como “recurso de opressão contra Gabriela” e, indignada, sente vergonha de ter sido/ser uma “agente” do *micromachismo*.

No quinto e último parágrafo, a narradora-personagem encerra sua crônica em um *grande finale* com um quê de Simone de Beauvoir: “estivesse Gabi com uma saia curta [...] [ou com] um vestido longo, a justiça machista a condenaria pelo simples fato de ser mulher”. A garota Gabriela, nome inventado pela narradora-personagem para garantir o anonimato da amiga, vai deixando então de ser, ao longo da narrativa, “a amiga da roupa provocante em um certo show sertanejo do passado” para ser a Gabi, a amiga íntima da narradora-personagem, com quem se solidariza no presente; ela também passa a ser a Gabi-mulher, ou seja, a Gabi que representa todas as mulheres que são constantemente condenadas pelo código do machismo. Não nascem Gabrielas, tornam-se Gabrielas. E são triunfantes porque enfrentam o (*micro*)*machismo* de cada dia, o qual, “enquanto perdurar, limitará a liberdade feminina e condenará todas nós”, conclui a narradora-personagem.

Essa crônica, intitulada “O tratado absoluto das roupas femininas”, é, por extensão, um tratado absoluto do feminismo. Isso porque todas as personagens são mulheres, construídas propositalmente sob a óptica do machismo: preocupam-se com futilidades, como o tipo de roupa (ou “look”); curtem o show de uma dupla sertaneja composta por homens brancos, héteros, musculosos e tatuados (Jorge e Mateus); costumam acompanhar as amigas ao banheiro (para retocar a maquiagem, talvez); enfim, são personagens-mulheres estereotipadas, mas que vão sendo desconstruídas como tal ao longo da narrativa pela voz da narradora-personagem, que, por sua vez, também incorporara esse estereótipo. Ao final, a narradora-personagem toma consciência do(s) seu(s) ato(s) *micromachista(s)* e se rende à *sororidade*, sentimento importante na luta do movimento feminista – eis o tratado absoluto do feminismo. Faz-se importante destacar ainda o fato de a crônica ser narrada por uma mulher, que se considerava “progressista”, mas que se reconhece *micromachista*, e por isso se pune e se redime (“Diante disso, aprendi uma lição”). Esse detalhe não deve passar despercebido, uma vez que confere à crônica mais força persuasiva. Não que homens não possam se reconhecer *micromachistas*, mas uma mulher assumir-se como tal provoca muito mais constrangimento, afinal, pensou e agiu contra outra mulher, contrariando assim a “Teoria do brilho”, quando “juntas somos mais fortes”, “#MexeuComUmaMexeuComTodas” ou “#MeToo”.

Não apenas a ideia de cronista-narradora-mulher foi pensada. Houve, desde o início da redação, um *projeto de texto* bem definido e bem arquitetado: do título, recuperado no quarto parágrafo do texto, às estratégias de *flash-forward*, um dispositivo narrativo pós-moderno usado quando se pretende antecipar ações ou reflexões que serão devidamente compreendidas em um momento futuro da narrativa. É o caso

de “Haveria tudo com que mulheres progressistas como nós – pelo menos era o que eu pensava que éramos – sonham”, no primeiro parágrafo, e de “hoje, percebo que ela estava indefectível”, no segundo parágrafo. Nesses dois momentos a narradora-personagem projetou ideias que compreenderíamos somente depois, no decorrer da narrativa: no primeiro exemplo, em que as personagens pensavam ser mulheres progressistas mas não eram, e no segundo, em que a amiga Gabriela não estaria usando uma roupa provocante nem exagerada, mas, com a consciência do presente, estaria usando uma roupa indefectível, tal como o adjetivo da música do Skank.

Nota-se, portanto, nessa crônica, o trabalho cuidadoso do candidato com os *elementos da narrativa*: i) foco narrativo na 1ª pessoa do singular, cuja narradora-personagem veste a máscara, no início, de uma “mulher progressista” para, mais adiante, desconstruir essa autoimagem (“eu, progressista”?; “eu, a feminista?”); ii) as personagens-amigas são propositalmente estereotipadas, assim como Gabriela; iii) o enredo é absolutamente verossímil em se tratando de um universo juvenil; iv) o espaço é bem caracterizado, permitindo-nos visualizar a cena e imaginar o cenário; v) o tempo da narrativa é projetado (semana passada, o encontro com as amigas; no presente, a leitura da matéria do *El País*) e há a sofisticação no uso do *flash-forward*. Junta-se a isso o respeito do candidato à situação de produção proposta na prova: a narrativa de um episódio *micromachista* vivenciado e considerado normal pela narradora-personagem até a leitura do jornal *El País* e a tomada de consciência. Todos esses recursos foram bem explorados de acordo com o projeto de texto do candidato, assegurando assim a qualidade da crônica, por isso a boa avaliação dela no critério Gênero (G).

No critério Leitura do(s) texto(s) da prova (Lt), não há dúvidas de que toda a reflexão da narradora-personagem ao se dar conta do terrível tribunal a que ela e as amigas submeteram Gabriela advém da leitura da coletânea. A leitura da matéria do *El País* foi apenas o estalo que faltava na consciência da cronista para que reconhecesse o *micromachismo* enraizado em sua mentalidade, o código machista oculto que repetia, o moralismo que a fez condenar alguns tipos de roupas como indecentes (excerto 2), a opressão histórica contra a mulher (Gabriela), a justiça machista que a condena pelo simples fato de ser mulher, a tentativa de limitar a liberdade feminina (excerto 1): esses sentimentos e pensamentos despertados na cronista certamente emergem da *leitura crítica* que o candidato fez dos textos de Chimamanda Adichie e de Ianko López, respectivamente.

De fato, trata-se de uma redação acima da média, de acordo com nossa grade de avaliação. Uma crônica publicável.

Redação abaixo da média

Em uma sexta-feira, enquanto estava treinando na academia ouvi dois homens conversando um deles perguntou se o outro iria sair naquele dia, o outro respondeu que não pois estava sem dinheiro para pagar o jantar com a mulher que estava saindo e que ele sempre pagava pois achava que era isso que se esperava dele. Uma outra mulher que também estava prestando atenção na conversa foi até ele e começou a dizer que era ridículo ele sempre pagar, que dava à entender que a mulher era incapaz de pagar ou algo do tipo.

Pedi licença para entrar na conversa e disse a eles que o homem não estava errado afinal ele não era vidente para saber o que a mulher pensava a respeito sendo assim ele poderia perguntar e/ou aguardar que ela tomasse uma atitude e dissesse se gostaria de pagar sozinha ou dividir a conta.

A mulher que antes estava discutindo com o homem analisou melhor a situação pediu desculpas pela falta de educação e se retirou, o homem agradeceu e disse que conversaria com a parceira mais tarde. Assim seguí o dia analisando como a falta de diálogo e um julgamento precipitado causa tantas confusões.

Nessa redação, o candidato escolheu, dentre as atitudes *micromachistas* listadas no *El País*, a número 7: “Pago todos os meus jantares com mulheres acreditando que é o que se espera de mim”. Toda a narrativa acontece em uma academia de ginástica, onde a narradora-personagem ouve a conversa entre dois homens: um diz ao outro que não vai sair porque não tem dinheiro para pagar o jantar da mulher com quem estava se encontrando. Uma terceira personagem, também mulher, interrompe a conversa dos dois homens e os censura argumentando que aquela atitude de pagar o jantar para uma mulher, de certa forma, a inferiorizava: “dava à entender que a mulher era incapaz de pagar ou algo do tipo”.

A narradora-personagem decide então entrar na conversa, porém, ao invés de apoiar a colega-mulher, concorda com os homens: “disse a eles que o homem não estava errado afinal ele não era vidente para saber o que a mulher pensava a respeito”. A opinião soa bastante contraditória, mas é justificada em seguida: “sendo assim ele poderia perguntar e/ou aguardar que ela tomasse uma atitude e dissesse se gostaria de pagar sozinha ou dividir a conta”. O argumento parece se sustentar em uma lógica democrática: a mulher pode decidir se quer pagar sozinha o jantar ou dividir a conta. Provavelmente, a narradora-personagem pretendia defender a independência econômica da mulher. Será?

Não é possível saber, pois a crônica termina na sequência, quando a personagem-mulher pede desculpas (Que submissão!) aos homens “pela falta de educação” de ter interferido na conversa deles. O personagem-homem agradece, dizendo que “conversaria com a parceira mais tarde” (Sobre o quê? Se ela gostaria de pagar sozinha ou dividir a conta do jantar?). A narradora-personagem, então, finaliza a crônica com uma moral da história: “Assim segui o dia analisando como a falta de diálogo e um julgamento precipitado causa tantas confusões”.

Falta de diálogo, julgamento precipitado, tantas confusões. Não estaria a narradora-personagem tentando justificar como um lapso perdoável a conversa dos homens? Afinal, o episódio narrado defende os homens que pensam e agem de modo *micromachista* sem querer, ou o episódio narrado condena o *micromachismo*, uma vez que defende a autonomia da mulher em decidir se paga ou não um jantar a dois graças a sua independência financeira? Como se vê, o candidato produziu uma crônica que permite leituras ambíguas, cumprindo mal a tarefa proposta pela prova, por isso sua redação obteve uma avaliação abaixo da média.

Primeiro, a Proposta temática (Pt) foi parcialmente cumprida, pois apesar de o candidato ter escolhido uma atitude *micromachista* entre aquelas listadas no *El País* – a número 7 – não fica claro se o episódio narrado e vivenciado pela narradora-personagem foi considerado normal ou não, tampouco houve leitura do jornal *El País* proporcionando algum tipo de reflexão sobre *micromachismo*.

Segundo, o Gênero (G) foi mal desenvolvido, haja vista que a crônica se resume a um simples diálogo em uma academia de ginástica. O enredo é o relato dessa conversa entre dois homens, interrompidos por duas mulheres. As personagens não têm nomes, não são caracterizadas; a narradora-personagem entra no meio da conversa para se contrapor ao argumento de uma outra personagem-mulher, ou seja, não assume a máscara da cronista que se dá conta do *micromachismo* praticado pelos homens, contrariando assim a interlocução prevista pela prova. O tempo da narrativa é o presente efêmero; o espaço é a academia, um cenário sem qualquer descrição. Logo, não houve preocupação do candidato em desenvolver os elementos da narrativa em sua redação, nem de desenhar a situação de produção que motivou a elaboração da crônica.

Terceiro, a Leitura dos textos (Lt) da prova é insuficiente. Não se pode negar que o candidato leu a lista de atitudes *micromachistas* do *El País*, já que selecionou uma delas para construir sua crônica. Entretanto, não há qualquer outro indicativo de leitura da coletânea: tanto o texto explicativo de Ianko López (excerto 1), que antecede a listagem de atitudes *micromachistas*, é ignorado pelo candidato, quanto a narrativa de Chimamanda Adichie (excerto 2), acompanhada de suas reflexões, não é levada em conta.

Por fim, as escolhas lexicais e sintáticas simples – como períodos longos sem a devida pontuação, atrapalhando a transposição do discurso direto para o indireto – e os recursos coesivos simples contribuem para a má avaliação da redação no critério Convenções da escrita e Coesão (CeC). Há um “anализou” com “z” que escapa no último parágrafo, mas que é logo corrigido quando a cronista diz que seguiu “o dia analisando” com “s”. Ortografia, acentuação (“ridículo” sem acento), crase (usada incorretamente antes do verbo no infinitivo em “dava à entender”) não são, portanto, o que efetivamente comprometem o texto, mas sim a simplicidade das escolhas lexicais e, sobretudo, a sintaxe e a coesão simples que não condizem com competência escrita que a Unicamp espera de um candidato ao final do ensino médio.

Redação anulada

O micromachismo está cada vez mais presente no nosso dia a dia!

As atitudes machistas infelizmente não são relacionadas apenas com os homens, isso vai muito além. Pode não parecer, mas há sim uma grande porcentagem de mulheres, não só com pensamentos, mas com atitudes “preconceituosas”.

Os meios de comunicação como, as redes sociais, são os principais veículos para se presenciar tais ações comentários ofensivos, textos feministas, exposições de

reportagens, tudo com o mesmo intuito, tentar ao menos diminuir o machismo em sociedade.

O espaço que as mulheres tem conquistado e vem conquistando só faz mostrar que todo esforço, toda luta não foram em vão e que a mesma capacidade/competência que a figura masculina tem, a feminina pode ter.

Todavia se o assunto for tratado com mais naturalidade nas salas de aulas, e que os ensinamentos dentro de casa fosse de uma maneira mais aberta e menos preconceituosa, já seria um bom começo para as novas gerações.

Essa redação está dentro do tema da prova, seja na frase escancarada no título (“O micromachismo está cada vez mais presente no nosso dia a dia!”), seja em todo o desenvolvimento do texto. Então por que foi anulada?

No primeiro parágrafo, o candidato afirma que não há apenas homens machistas, mas também há mulheres com pensamentos e atitudes “preconceituosas” (Por que ele teria usado as aspas?). No segundo parágrafo, uma referência aos meios de comunicação, em especial às redes sociais, veículos de disseminação de comentários ofensivos (Contra a mulher?), textos feministas (A favor da mulher?), reportagens (Sobre o quê?), tudo com o intuito de diminuir o machismo presente na nossa sociedade (Isso por acaso seria negativo?). No terceiro parágrafo, o reconhecimento do espaço conquistado pelas mulheres, depois de muito esforço e muita luta (Seria uma leitura do excerto 1 da coletânea?), afinal, elas são tão competentes e capazes (Esses adjetivos não seriam sinônimos?) quanto os homens. No último parágrafo, o candidato vislumbra uma proposta educativa para que as novas gerações não sejam preconceituosas (Solução fácil, não?).

Terminado o texto, constatamos que o candidato não cumpriu a Proposta temática (Pt) da prova, pois não selecionou uma atitude *micromachista* daquelas citadas na matéria do *El País*, nem tampouco narrou um episódio *micromachista* vivenciado, o que significa dizer que ele também não configurou o gênero solicitado (G): uma crônica. Note-se que não há sequer traços da tipologia do texto narrativo que possam configurar o gênero produzido minimamente como uma crônica.

Portanto, temos aqui um exemplo de uma redação que não é anulada por “abordar *outro tema* que não o da prova”, primeiro critério descrito em nossa grade analítica de correção, pois o candidato tratou de (micro)machismo, referiu-se a comentários ofensivos ou preconceituosos contra a mulher, e até fez uma rápida alusão a textos feministas e à luta feminista, o que só corrobora que esse texto se relaciona ao tema da prova. A redação é anulada por “não cumprir nem a Pt nem o G”, segundo critério de anulação, assim descrito na mesma grade, uma vez que o candidato não se viu obrigado a realizar essas tarefas tal como determinadas pela prova. E se a redação é anulada por um dos três motivos descritos na nossa grade de avaliação analítica – como acontece nesse caso – o texto não é avaliado nos demais critérios; fica então com nota zero.